

# PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

## Núcleo de História Oral

### FICHA TÉCNICA

**Código da entrevista:** MA-003

**Entrevistado:** Jorge Takahashi

**Local da entrevista:** Pouso do Carmo. Rua Monsenhor Horta – Mariana – MG

**Data da entrevista:** 25/03/2006

**Horário da entrevista:** 10h

**Duração da entrevista:** 57min35seg

#### **Equipe do Vale Registrar / História Oral:**

**Supervisão:** Jason Barroso Santa Rosa

**Subcoordenação:** Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

**Entrevistadores:** Josanne Guerra Simões, Eder Donizete de Melo (monitor)

#### **Gravação das entrevistas:**

**Produtor:** Mateus Brandão (EMVIDEO)

**Câmera:** Walfried Weissman (EMVIDEO)

**Eletricista:** Mauro Siqueira (EMVIDEO)

**Motorista:** Carlúcio (EMVIDEO)

**Equipamento utilizado:** Câmera Digital MiniDV

**Transcrição:** Eder Donizete de Melo

**Data da transcrição:** 27/04/2006

**Conferência de fidelidade:** Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

**Data da conferência:** 08/05/2006

**Pesquisa para notas de rodapé:** Elodia Honse Lebourg

**Copidesque:** Maria Angélica Vieira Bonome

## [Início da entrevista]

**Keka Simões** – Em primeiro lugar, o senhor poderia nos dizer seu nome completo?

**Jorge Takahashi** – Jorge Takahashi.

**Keka Simões** – Qual é a data de seu nascimento?

**Jorge Takahashi** – Quinze de janeiro de 1939.

**Keka Simões** – Onde o senhor nasceu?

**Jorge Takahashi** – Belo Horizonte<sup>1</sup>. Venda Nova<sup>2</sup>.

**Keka Simões** – Qual é o nome dos seus pais?

**Jorge Takahashi** – Meu pai chama-se Seije Takahashi e minha mãe, Chyoko Takahashi.

**Keka Simões** – De onde eles são?

**Jorge Takahashi** – Todos os dois vieram do Japão, conheceram-se aqui e se casaram.

**Keka Simões** – O senhor lembra, mais ou menos, a data em que eles vieram do Japão?

**Jorge Takahashi** – Parece que meu pai veio com 17, 18 anos. Minha mãe veio mais ou menos com oito, nove anos. Isso é só o que tenho de lembrança.

**Keka Simões** – Em que seu pai trabalhava?

**Jorge Takahashi** – No Japão, meu pai era carvoeiro. Minha mãe toda vida foi doméstica.

**Keka Simões** – No Brasil seu pai trabalhou em quê?

**Jorge Takahashi** – Meu pai aqui foi lavrador, mexia com lavoura.

**Keka Simões** – Na região de Venda Nova?

**Jorge Takahashi** – Não. Ele trabalhou em vários lugares, mas no final mesmo foi aqui: chamava-se Vale Felicíssimo, hoje se chama Vila Betânia.

**Keka Simões** – O senhor tem irmãos?

**Jorge Takahashi** – Nós somos nove irmãos: cinco homens e quatro mulheres.

**Keka Simões** – Em que seus irmãos trabalharam ou trabalham?

---

<sup>1</sup> Capital de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Município de Minas Gerais, localizado na região metropolitana de Belo Horizonte.

**Jorge Takahashi** – Antes de casarmos, nós tocávamos lavoura, só mexíamos com plantações. Depois cada um foi casando e tocando seu ritmo diferente. Eu vim para a Vale do Rio Doce<sup>3</sup>; outros foram mexer com transporte de carga, outros foram mexer com... Cada um tocou uma atividade diferente.

**Keka Simões** – Quando vocês trabalhavam na lavoura, o que vocês plantavam?

**Jorge Takahashi** – Quando casei, eu tocava sozinho e expandi mais. Fui tocar lavoura de plantação de tomate, couve-flor, repolho – verduras em geral – em uma área de mais ou menos 10 alqueires de terra, 60 empregados, dois caminhões e dois tratores. Era um terreno com um movimento muito grande.

**Keka Simões** – Olha só! E depois da lavoura, o senhor foi trabalhar direto na Companhia Vale do Rio Doce ou não?

**Jorge Takahashi** – Trabalhando na lavoura... No final, entrei em uma lavoura com um rapaz que era o dono e estava se formando em Engenharia. Ele terminou Engenharia e foi para a Vale do Rio Doce, em Itabira<sup>4</sup>. Aí ele falou assim: “Seu Jorge, já que você é meu meeiro há muitos anos e eu lhe confio muito, vamos lá que eu vou te arrumar um serviço na Vale, em um departamento da mina, Departamento de Obras”. Pensei bem e falei assim: “Oh, como a vida agora está muito difícil e todo mundo tem que ser fichado...”. Sessenta empregados fichados hoje é uma coisa difícil! Então eu falei: “Vamos sim”. Aí ele disse: “Se você conseguir vender a fazenda, eu lhe dou 10%”. Falei: “Melhor ainda”. Consegui vender a fazenda e fui trabalhar com ele em Itabira. Chegando lá, não deu certo trabalhar com ele. Aí arrumou um serviço para mim, no Departamento de Obras da Vale do Rio Doce.

**Keka Simões** – O senhor lembra o ano em que foi isso?

**Jorge Takahashi** – Entrei na Vale do Rio Doce em sete do sete de 71<sup>5</sup>. São três setes, então não esqueci.

**Keka Simões** – No Departamento de Obras, qual era a função do senhor? O que o senhor fazia nesse início?

**Jorge Takahashi** – No início, eu entrei como Controlador de Rendimento de Equipamento. Tinha muito equipamento alugado, então eu fiquei [inaudível]

---

<sup>3</sup> Companhia Vale do Rio Doce.

<sup>4</sup> Município de Minas Gerais, onde está instalada a unidade “Minas de Itabira” ou “Complexo Minerador de Itabira”, pertencente à Companhia Vale do Rio Doce.

<sup>5</sup> Sete de julho de 1971.

que ficava no controle do rendimento do equipamento. Todo equipamento que tinha – trator, máquina, carregadeira, caminhões etc – era o meu setor, no início.

**Keka Simões** – E depois?

**Jorge Takahashi** – Depois surgiu uma obra de barragem, B-6<sup>6</sup>, em Itabira mesmo. Fui nomeado um dos encarregados da barragem B-6. Trabalhei na primeira e na segunda etapas dessa barragem, em torno de uns quatro anos. No final dessa barragem – eu não era supervisor ainda – um dos supervisores teve um problema ao esquentar um almoço ou uma janta: ele incendiou a camisa e teve que ficar afastado mais de nove meses. Nessa altura me nomearam para ser um dos supervisores junto com a equipe que estava tocando a terraplanagem. Imagina você que um dia chegou o meu chefe e eu falei: “Doutor, eu estou com um funcionário aqui que troca turno há mais de seis meses e o salário dele é um terço dos outros. O senhor podia dar uma olhadinha.” “Então traz os documentos dele pra mim”. Eram os meus. Ele olhou, olhou, falou: “Estou olhando para você”. Com três dias seguidos ele falou: “Mês que vem, seu salário já vem igualzinho ao do outro”. Seria três vezes mais do que eu ganhava! Levei as mãos para o céu, falei: “Agora, mulher, agora nós estamos ricos!” Porque se você estava vivendo – cinco filhos, aluguel... – com um salário um terço do que era antes, agora está ótimo!

**Keka Simões** – O senhor tocou em uma questão importante: o trabalho de turno. Como eram esses turnos? De que hora a que hora?

**Jorge Takahashi** – Tem votação do pessoal que trabalha em equipamento. Hoje, por exemplo, na Vale do Rio Doce, se você fizer votação com todo mundo para trocar o turno todo dia, o que primeiro levantar a mão... O maior número que levantar ganha. Então não adianta você falar assim: “Não. Eu quero três turnos de oito horas”. Não adianta, é por votação da maioria. Antigamente, não: eram dois turnos – seis às 18, 18 às seis. Agora é a lei que manda, é o pessoal que monta turno e não mais a Companhia. Então, tem lugar aqui que você não sabe o dia em que o pessoal está trabalhando: hoje está de dia, amanhã está de noite, no outro dia está de madrugada. Mudou tudo, depende só do funcionário, hoje.

---

<sup>6</sup> Barragem construída pela Companhia Vale do Rio Doce para captação de água.

**Keka Simões** – Depois da barragem, com o salário melhor, qual foi o trabalho seguinte do senhor dentro da Vale?

**Jorge Takahashi** – Aí, já com esse outro cargo... Na Conceição, tivemos que renovar as instalações todinhas: mudamos a terraplanagem, fizemos barragem, fizemos área de contenção, área de depósito de minério. Então a produção de mineração de Conceição mudou muito.

**Keka Simões** – Conceição é uma mina?

**Jorge Takahashi** – Mina de Conceição<sup>7</sup> existe até hoje e fica ao lado de Itabira.

**Keka Simões** – De lá o senhor foi para onde?

**Jorge Takahashi** – Em 1979 houve um acidente com muitas águas em Itabira: estourou uma estrada, teve que fazer uma barragem etc; depois fizeram um asfalto novo. Como supervisor de terraplanagem, eu estava trabalhando exatamente na terraplanagem e asfalto de acabamento para... Tinha ficado parado mais de 15 dias, sem acesso a Itabira, e eu estava trabalhando lá quando me nomearam para vir para cá.

**Keka Simões** – Ainda nesse período de Itabira, como o senhor ia para o trabalho?

**Jorge Takahashi** – No início você levantava às cinco horas da manhã, pegava a marmitinha, ia para o trabalho de caminhão – esses caminhões três quartos, com toldo em cima. Lá, almoçava de 11 ao meio-dia; chegava em casa em torno de oito, nove, até 22 horas. Tinha dia que tinha que ficar até mais tarde. E achando bom ainda!

**Keka Simões** – Quem fornecia a marmitinha?

**Jorge Takahashi** – A gente tinha uma pensãozinha assim... No início da Vale, havia mais de 10 mil funcionários. Então havia várias empreiteiras. Todo mundo que quisesse ganhar um dinheirinho fazia uma coisinha e vendia marmita. Como minha esposa morava em Betim<sup>8</sup> – eu fui sozinho começar a vida lá –, eu pegava essa marmitinha em uma pensãozinha, onde também ia tomar banho, jantar, já eram mais de 22 horas, todos os dias. E achando bom ainda! E o mais interessante... Como antes de entrar na Vale, eu tinha uma certa mordomia, o pior serviço da firma em que trabalhava era o que eu estava

---

<sup>7</sup> Mina de minério de ferro explorada pela Companhia Vale do Rio Doce.

<sup>8</sup> Município de Minas Gerais.

fazendo lá em Itabira: cavoucar chão, arrancar grama, fazer canaleta. Minhas mãos chegavam inchadas e a roupa todinha vermelhinha! A minha mulher falou assim: “Oh, Jorge. Mudou mesmo!” Eu falei: “Mudou, mas vamos com calma que vamos chegar lá”. Essa é a minha vida lá em Itabira.

**Keka Simões** – Tinha intervalo de almoço ou algum outro intervalo?

**Jorge Takahashi** – O intervalo de almoço era uma hora, normalmente de 11 às 12. No dia em que ficava até mais tarde – e ficava sempre, no mínimo, até às 21 horas todos os dias – continuava sendo uma hora de almoço. Quando você ia tomar um banho e jantar já eram mais de 22 horas. E a marmitinha era o resto de janta que ia no almoço, porque não ia fazer almoço depois de 22 horas. Quando ia a Betim, eu levava a marmita para almoçar na segunda-feira, de tão boa que era a comida de Itabira! [ironia] Não falei que era ruim, não; era o que tinha. Então a gente foi trabalhar lá desse jeito, durante mais ou menos dois, três anos.

**Keka Simões** – O senhor tinha dia de folga na semana?

**Jorge Takahashi** – Folga era o seguinte: chegava sexta-feira, eu perguntava ao meu supervisor: “Fulano, estou precisando visitar minha família. Pode ou não?” Às vezes podia, às vezes não. Passavam duas semanas, passavam três, aí ia visitar a família em Betim.

**Keka Simões** – Nesses dias de folga, em Itabira ou em Betim, o que o senhor e sua família gostavam de fazer? Vocês tinham algum programa de lazer?

**Jorge Takahashi** – Não tinha porque o prazo era muito pouco. Eu trabalhava até sábado, pegava o ônibus às seis horas da manhã de domingo. Chegava em casa, tinha que pegar o ônibus de novo, para segunda-feira estar às sete horas em Itabira. Pegava dois ônibus, ficava mais tempo em trânsito do que passeando. Chegava lá em casa, só via os meninos, batia um papo não sei o quê, não sei o quê, mas já... A hora está chegando, tchau, tchau e benção! Vamos à luta de novo.

**Keka Simões** – Existia algum tipo de auxílio ou benefício que a Companhia prestava aos empregados e família?

**Jorge Takahashi** – Olha, eu fui beneficiado por uma razão muito especial. No Ginásio, minha filha fez aquele exercício de espaguetti e deslocou o osso do fêmur. Meu chefe – acredito que foi só comigo, que eu lembro até hoje – mandou um carro levá-la à escola e buscá-la na escola todos os dias. Aí

chamaram até meus filhos de “engenheiro da MIP”<sup>9</sup> (uma empreiteira que tinha lá), porque era o único que tinha aquele acesso, ir e voltar da escola. Agradeço a Vale do Rio Doce e toda chefia por ter esse benefício. Não vi ninguém fazendo isso e aconteceu isso na minha família.

**Keka Simões** – Além do salário, os funcionários tinham direito à assistência médica ou alguma coisa nesse sentido?

**Jorge Takahashi** – Quando passei para a Vale... Até então eu trabalhei três, quatro anos na Socito Sosebel<sup>10</sup>, uma empreiteira terceirizada pela Vale.

**Keka Simões** – Como se chama?

**Jorge Takahashi** – Socito Sosebel. Era firma terceirizada da Vale. Aí passamos para a Vale. Moça, passamos para a Vale! Éramos 15 salários! Na empreiteira eram só 13. Aí passamos a ter gratificação, não sei o quê... Fomos até 16 salários para quem tirava férias. Falei com a mulher: “Agora nós estamos ricos mesmo!” Dezesesseis salários para quem ganhava 13, não é? Então, a Vale tinha 16 salários há mais de uns 10 anos. Hoje passou a 13 de novo. Então foi uma coisa! “Agora estamos ricos mesmo”. E levamos uma vida decente, com cinco filhos estudando. A vida folgou 200% em relação ao que era logo no início.

**Keka Simões** – Além do salário, a Companhia Vale do Rio Doce tinha auxílio para educação, médicos, enfim, essas coisas?

**Jorge Takahashi** – Médico tinha, mas auxiliar em alguma coisa não tinha. Todos os meus filhos estudaram em escola não particular, do governo, até se formarem em curso superior. Não paguei um vintém com... Porque o mais difícil é aquele que não paga nada; e se ele é o mais difícil, é o melhor que tem. Se você cobra por alguma coisa, você sempre é prestigiado em alguma coisa: “Não, deixa passar porque aquilo é um a mais, um a menos”. E do governo não: é na lei do tudo ou nada. E aí tocamos a vida dessa maneira. Nenhum fez curso nenhum<sup>11</sup>, todo mundo passou no vestibular e todo mundo se formou na base do vale para valer. Não tem esse negócio de proteção, de ir pagando porque é melhor e fica mais fácil. Foi caçando o lado mais difícil, porque sempre o mais difícil é o melhor de todos.

---

<sup>9</sup> Montagens Industriais Pesadas.

<sup>10</sup> Socito, Sociedade Civil de Topografia. Sosebel, Sociedade de Engenharia Bethônico Ltda.

<sup>11</sup> O entrevistado quis dizer que nenhum filho frequentou curso de pré-vestibular.

**Keka Simões** – No caso dos seus filhos, eles estudaram em escola pública. Mas o senhor tem notícia de alguém cujo filho, estudando em escola particular, recebia ajuda da Companhia?

**Jorge Takahashi** – Isso aí eu já não tenho certeza, não. Mas eu acho que nunca ajudou, não. Naquela época não. A não ser agora, porque isso faz muitos anos. O meu filho mais novo está com 32 anos. Então tem muito tempo que aconteceu, sabe?

**Keka Simões** – O senhor entrou na Vale do Rio Doce ocupando qual cargo?

**Jorge Takahashi** – Controlador de Rendimento de Equipamento. Quando entrei na Vale, já entrei como Auxiliar Técnico de Terraplanagem. A Vale, em torno de três em três meses<sup>12</sup>, tinha um salário diferenciado até chegar à Supervisão de Obra, em Itabira mesmo. Aí o salário também melhorou bem. A Vale tinha o seguinte programa: se você fosse um elemento bom, você ganhava sempre uma letrinha; com quatro letras, passava de um nível para outro. E aí fomos pulando. Eu não perdi uma letra em toda a minha vida na Vale do Rio Doce! Não quero ser o melhor, mas pelo menos fui beneficiado.

**Keka Simões** – Nessa área que o senhor entrou, quais cargos existiam? Qual era o nome desses cargos e o que era obrigação de cada um deles?

**Jorge Takahashi** – No primeiro cargo eu notei o seguinte: como você, de seis em seis meses, ia subindo de cargo... Então tinha que mudar... Eles falavam até o apelido do cargo, mas era o mesmo serviço. Tinha que aumentar o salário; não poderia ficar naquele mesmo. Então ia mudando. Eu tenho, mais ou menos, três carteiras assinadas só na Vale do Rio Doce, com tanto nome, que se você me perguntar a metade eu não sei. Eu tenho que ler a carteira, porque é um monte assim de carteira<sup>13</sup>, não é?

**Keka Simões** – O senhor não se lembra de nenhum desses apelidos, não?

**Jorge Takahashi** – Lembro. Primeiro foi Controlador de Rendimento de Equipamento, depois foi esse Técnico de Estrada, depois foi Técnico de Minas e Geologia e vários outros que eu não tenho assim... Porque lá, de seis em seis meses, mudava o salário; então, tinha que mudar o apelido do nome. Eles falavam até apelido porque a execução era a mesma, ia só mudando. Aí ficaram três carteiras assinadas.

---

<sup>12</sup> Mais adiante o entrevistado afirma que as mudanças ocorriam de seis em seis meses.

<sup>13</sup> Faz um gesto com a mão simbolizando uma determinada quantidade de carteiras de trabalho.

**Keka Simões** – O senhor tem uma noção de quantos funcionários trabalhavam nessa sua área?

**Jorge Takahashi** – Para você ter uma idéia, na fiscalização eram muitos. Só Timbopeba<sup>14</sup> chegou a ter 170 caminhões fiscalizados por nós, mais todo equipamento de terraplanagem e muitos outros. Então era mais de... Vamos pôr aí: mais de 400. Mas no troca-turno da Mina, aí nós tínhamos que ter 11 motoristas, operadores... De 35 a 40 funcionários trocando turno todos os meses.

**Keka Simões** – Existia ou existe algum regulamento a ser seguido pelos funcionários?

**Jorge Takahashi** – Periodicamente havia reuniões para os supervisores, e nós passávamos para nossos auxiliares. A todos os que não cumprissem aquela responsabilidade, nós íamos comunicando verbalmente, até passar um... Como fala? Um balão. Não sei como era o nome certo; o nome grosso nosso era balão: uma advertência. Se a pessoa continuasse assim, era mandada embora, sem direito a nada. Porque se você está sempre mantendo aquilo que é obrigado a fazer, por que não fazer? Vamos fazer. Inclusive, um dia, um falou assim comigo: “Oh, Jorge. Eu perdi o ônibus”. Aí eu falei: “Fulano, você perdeu o ônibus daquele tamanho? Se fosse uma bicicleta então, você até sonhava com ela!” [riso]

**Keka Simões** – Os funcionários tinham algum tipo de uniforme?

**Jorge Takahashi** – Até hoje, na Vale do Rio Doce não existe uniforme de doutor, nem de médico, nem de... Para todo mundo é o mesmo uniforme, do servente ao superior principal. Esse então...! Você não conhece quem é o A, qual é o B, qual... Só o capacete era diferente: de supervisor para cima era capacete branco; elétrico era amarelo; outro era de outra cor e daí... Só para distinguir cada um no seu setor de operação.

**Keka Simões** – Qual era a cor do uniforme?

**Jorge Takahashi** – O uniforme era uma cor assim... Como vou dizer? Tipo uma... Eu sou bom de cor, quer ver? [risos] É tipo cor de rapadura. Como é que fala aquela cor?

**Keka Simões** – Cáqui.

---

<sup>14</sup> Mina de Timbopeba, explorada pela Companhia Vale do Rio Doce. Localizada em Ouro Preto.

**Jorge Takahashi** – Isso! E a camisa mais clara um pouquinho, mas toda cáqui também. Eu sou bom de cor que você nem imagina! [risos]

**Keka Simões** – Vamos passar então para a chegada do senhor a Mariana, nesse início da Companhia Vale do Rio Doce aqui. Quais minas foram ou são exploradas pela Companhia na região de Mariana?

**Jorge Takahashi** – Quando vim para Mariana, nós estávamos iniciando Timbopeba. Tinha aqui a Samarco<sup>15</sup>, tinha aqui a Samitri<sup>16</sup>. Eram essas três que havia em 1979, 1980.

**Keka Simões** – A Mina que a Vale do Rio Doce foi explorar era a Mina de...

**Jorge Takahashi** – Timbopeba.

**Keka Simões** – Desde 1979, 1980?

**Jorge Takahashi** – Por aí.

**Keka Simões** – O senhor podia falar um pouquinho da instalação da Mina de Timbopeba?

**Jorge Takahashi** – Chegando a Timbopeba, eu estive com três equipes de topografia e uma equipe de sondagem: equipe de sondagem para a verificação do solo, onde deveria estar o equipamento mais vibratório; topografia para a demarcação da estrada de acesso à Mina e demarcação de duas plataformas, que hoje são, resumindo, a Mina de Timbopeba – uma na área de tratamento do minério, outra na área do escritório central, almoxarifado, oficina centralizada, restaurante, laboratório, transporte leve... Mais ou menos por aí.

**Keka Simões** – De onde vieram esses primeiros funcionários? Foram ou não remanejados?

**Jorge Takahashi** – Por coincidência ou não, quando eles vieram para cá, Itabira já estava mais ou menos muito calma. Então, para tocar Timbopeba, 80% do pessoal veio de Itabira. Depois de uns dois ou três anos é que outros vieram de Piçarrão<sup>17</sup>, porque terminou a obra de Piçarrão. Mas 90% vieram de Itabira, transferidos para cá.

**Keka Simões** – Piçarrão também é uma...

**Jorge Takahashi** – É uma obra de mineração da Vale do Rio Doce.

---

<sup>15</sup> Samarco Mineração S/A, localizada em Mariana.

<sup>16</sup> Minerações Trindade S/A.

<sup>17</sup> Mina de Piçarrão, localizada em Nova Era, município de Minas Gerais.

**Keka Simões** – A Companhia Vale do Rio Doce criou uma infra-estrutura própria para instalar seus funcionários na cidade?

**Jorge Takahashi** – Veja bem. Eu fui o primeiro e havia uma promessa de que eu ganharia casa na Vila da Vale<sup>18</sup>. Chama-se Vila da Vale porque ia ser... Eu morei lá mais de dois, três anos, e outros não. Não pagava aluguel e cada um se virava da maneira que achasse melhor. Mas para os primeiros que vieram foram fornecidas casas na Vila da Vale, como eu, que fui um beneficiado. E os outros tiveram que lutar da maneira... Não auxiliava em nada com relação a aluguel e casa.

**Keka Simões** – Que tipo de minério é explorado pela Vale do Rio Doce aqui na região?

**Jorge Takahashi** – Timbopeba era uma das mineradoras que mais... Tem a hematita, que é um minério melhor de classificação. Fazia a mineração aqui tirando a hematita, para misturar, para homogeneizar com aquele de Itabira, para dar a composição daquilo que o exterior estava precisando. Vamos supor: 70% de ferro. Daqui tinha quase 80 e do outro tinha mais de 60 – fazia a homogeneização dos dois e mandava para o exterior. Essa Mina de Timbopeba era o piloto da concentração do minério para fora.

**Keka Simões** – Então esse minério daqui acaba compondo...

**Jorge Takahashi** – Esse minério sempre é o mais rico. Por isso ele existe até hoje. A durabilidade da Mina era de 15 anos e ela já passou de 20, porque o material é de excelente qualidade.

**Keka Simões** – Em que esses minérios são empregados? Por que as pessoas compram minério? [risos]

**Jorge Takahashi** – O minério é a matéria-prima de tantas outras coisas... Qualquer aço, qualquer indústria, qualquer montagem. Tudo em ferro é produzido sobre a mineração. Um minério melhor é para fazer aquela temperatura de aço mais diferenciado. Tem aquele material mais grosso e aquele mais refinado que tem a mineração de hematita, itabirito... Aí são vários nomes que a gente não tem assim a lembrança...

**Keka Simões** – Como é feita a extração do minério?

---

<sup>18</sup> Nome dado pelos moradores de Mariana ao bairro Jardim Inconfidentes, construído para abrigar os primeiros funcionários da Companhia Vale do Rio Doce na cidade.

**Jorge Takahashi** – Isso é o mais interessante. Como cada firma tem seu poder aquisitivo, a Vale do Rio Doce é uma das mais beneficiadas aqui no Brasil. Por exemplo: quem tem um equipamento de transporte de caminhão de 120 toneladas já está ótimo; o da Vale é de quase 300, hoje. A escavadeira da Vale, com três caçambadas, dá quase 300 toneladas, quase 100 toneladas por caçamba. Se as outras firmas tiverem a metade disso, é muito. Dependendo de cada firma, o equipamento é melhor. E a Vale, aqui no Brasil, é uma das melhores em equipamento. Equipamento, pessoal e treinamento: tudo com fartura.

**Keka Simões** – Quando foi implantada a Mina de Timbopeba, usou-se algum equipamento ou alguma forma de minerar que ainda não tinha sido usada em outros locais? Ou esse processo foi o mesmo já usado em outras minas?

**Jorge Takahashi** – Não, não. Todo o material que veio para a Mina – 80% – veio de Itabira. Novos só vieram duas escavadeiras. Então, é o convencional mesmo, de muito tempo, como é até hoje. Só melhorou a potência, mas o equipamento é o mesmo da mineração de Itabira, que é a escola do Brasil e para nós, aqui na Vale do Rio Doce.

**Keka Simões** – O que é um estéril, Senhor Jorge?

**Jorge Takahashi** – Falando do lado positivo, o estéril é o rejeito. Todo mundo fala que é bota-fora o material estéril. É o material não percentual daquele grau que pertence para a exploração do minério. Então ele é jogado fora.

**Keka Simões** – Ele é jogado fora?

**Jorge Takahashi** – Esse é o estéril. Se você não tirar o estéril, você não pode tirar o outro, porque ele está embutido. Você tira o estéril para depois tirar o material que é a hematita. Precisa tirar os dois, o minério e o estéril, que dão em volume mais ou menos a mesma coisa. Para você liberar o minério, tem que tirar o estéril, porque senão vai fechando e não dá mais para tirar.

**Keka Simões** – Qual é o destino desse rejeito?

**Jorge Takahashi** – Esse rejeito é o mais difícil, principalmente em Timbopeba. Em Timbopeba, se você for jogar o material... Em todo lugar joga-se o material na área livre; Timbopeba não tem área livre. A única área que tinha para despejar o material era para composição do aterro, que se chama hoje Aterro 5. Ele era o maior aterro da América Latina na época, com 135 metros de altura. Então, para compor esse estéril, esse material para fazer a plataforma,

teria que colocar tudo embutido no aterro. Se você for hoje a Timbopeba, você não vê nenhum grama de material de estéril da composição do início da Mina. Todo material de corte foi embutido no aterro. Quem projetou foi um superinteligente por ter calculado o corte, o aterro embutido, tudo dentro de uma obra. Em todo lugar tem um bota-fora: “Vamos jogar fora que aí não precisa!” Lá, não. Foi reaproveitado todo o material do corte para o aterro. Tivemos corte de até 90 metros de altura e o aterro de 137 metros. Para você ver que é uma área... Para o início da obra para o aterro, fomos fazer o teste do equipamento em terraplanagem. Só conseguimos parar caminhão-basculante com água no tambor, porque a rampa era muito íngreme e o equipamento não conseguia descer e subir, e o caminhão, como podia colocar água... Aí conseguimos fazer o aterro. Chegamos a ter 170 caminhões na área de Timbopeba.

**Keka Simões** – Interessante isso. Não sei se o senhor poderia me responder isto, mas algum tipo de rejeito é aproveitado em processo de beneficiamento, sem ser aqui em Timbopeba?

**Jorge Takahashi** – Assim eu ouvi falar uma vez... Até metade do percentual de ferro que tem aqui, no Japão seria. Mas não é viável para o nosso transporte daqui até lá. O nosso aqui, depois de 40, 70% de ferro, já não é mais viável, a não ser que tenha uma mistura para composição da homogeneização do material. Aí então tudo, todo o estéril é jogado fora. O mais difícil do estéril em Timbopeba é que, se você não fizer um manqueteamento...

**Keka Simões** – Fizer o quê?

**Jorge Takahashi** – Manqueteamento – aquele corte que desce assim em banqueteta<sup>19</sup>. Se você não fizer o manqueteamento e a drenagem daquele material, ele pode escorrer. Eles falam que o material tem que ser homogeneizado e manqueteado por causa da drenagem; quando chove, ele pode fazer uma tragédia pior. Isso era o mais difícil no fazer o depósito do estéril.

**Keka Simões** – Em outras minas, como Itabira, esse bota-fora era feito em alguma área específica?

---

<sup>19</sup> O entrevistado faz, com as mãos, um gesto de corte em sentido descendente.

**Jorge Takahashi** – Ao lado da mina, tem uma área onde você pode jogar à vontade. Então é muito mais fácil do que trabalhar aqui em Timbopeba: em Timbopeba tinha que educar o bota-fora para poder compor o material e ficar com drenagem perfeita e o manqueteamento direitinho. Em outras áreas, não: era só chegar e bascular o caminhão, o que é muito mais fácil.

**Keka Simões** – Que tipo de acidente pode acontecer durante o processo de extração do minério?

**Jorge Takahashi** – Nós temos... Vários problemas. Por exemplo, a perfuração. Você fura com a perfuratriz 30<sup>20</sup> – são 13 metros em um diâmetro de seis polegadas – e enche todo ele de explosivos. Aquilo dá em torno... Não sei quantas minas... Daria seis toneladas. Já vi um caminhão especial para aquele tanto de mina. Se vier uma chuva ou se der um relâmpago, alguma coisa assim, é muito perigoso porque pode explodir na hora da... Então esse é um dos problemas mais assim... E você tem que fazer essa perfuração para a produção de amanhã, em seqüência: “Ali está detonado para hoje, aqui detonado para amanhã e aqui instalado para depois de amanhã”. Então você tem que fazer o pedido – é cheio de complicações – para engrenar aquilo, até rodar 24 horas todos os dias, principalmente sábado e domingo, quando muitos não trabalham, mas o troca-turno é direto. Esse é um dos problemas mais perigosos que eu achei no momento. Agora, Timbopeba é uma Mina muito perigosa porque foi feito um corte paralelo à rocha, quase vertical. A gente não tem definição de até quando essa rocha tem estabilidade para o aterro. Onde não tem a rocha, vem cortando em manqueteamento até chegar no local. Mas como existe uma rocha... Não sei se já tem um estudo, hoje, sobre qual seria essa estabilidade. Se você tem uma rocha e depois ela termina, pode fazer uma área de vazio e aqui detonar lá detrás até tamponar a Mina todinha. Esse é um perigo... Não sei se tem estudo hoje, mas é perigosíssimo, pode arrasar a Mina todinha.

**Keka Simões** – Como é feito o transporte do minério, desde o momento em que sai da Mina?

**Jorge Takahashi** – Sai da Mina e vai para o britador primário, porque o material vem todo grosso, todo tipo de granulometria. Passa no britador

---

<sup>20</sup> Máquina utilizada para perfurações direcionais em solo.

primário, do britador primário rebenta no secundário, do secundário vai para o peneiramento, do peneiramento vai para o silo de estocagem, porém já com granulometria diferente. Aí é que, na correia, vai do silo para lá embaixo nos vagões.

**Keka Simões** – Como vai do britador primário para o secundário?

**Jorge Takahashi** – Tudo em correia.

**Keka Simões** – E depois passa para a caçamba?

**Jorge Takahashi** – Não. Já não passa mais para caçamba. Pelas correias já vai até à estocagem, onde já pega por baixo, pela correia mesma, e vai até o silo de embarque: “Ah, estou precisando de minério com granulometria X” – aí pega essa área. “Ah, estou precisando de material, de minério fino” – aí pega essa outra correia e já embarca direto.

**Keka Simões** – Embarca no...?

**Jorge Takahashi** – Vagão.

**Keka Simões** – Então, cada vagão estará com um minério com granulometria diferente?

**Jorge Takahashi** – Com uma granulometria diferente. E já sai de lá com uma nota fiscal com todo tipo de granulometria. O laboratório hoje... O minério já sai todinho granulometrado e com o grau de percentual de ferro. Antigamente você tinha que ir ao laboratório e fazer um punhado de coisa; hoje um aparelho, instantaneamente, já te dá a qualidade do minério, do material.

**Keka Simões** – O senhor sabe o nome desse aparelho?

**Jorge Takahashi** – Tem no laboratório. Eu estive lá fazendo uma visita, alguém falou assim muito por alto... Não tinha, mas agora já tem. Então esse agora resolveu 200% a área...

**Keka Simões** – Na época do senhor não tinha?

**Jorge Takahashi** – Não tinha, não tinha.

**Keka Simões** – Como se pesa o vagão? Cada um tem uma quantidade possível?

**Jorge Takahashi** – Vem na correia até o silo. O silo tem o peso, tem uma balança automática. Quando sai uma composição com 100 vagões, está com X toneladas. Não tem mais o que ficar pensando, ele já é todinho pesado. Tem uma facilidade muito grande; quando você vê o vagão no silo, você vê só a numeração passando. Como diz o outro: “Na hora que parar está com tanto”.

**Keka Simões** – A linha férrea que atende a Vale do Rio Doce aqui na região foi construída por ela ou não?

**Jorge Takahashi** – Foi sim. Meu próprio chefe de Itabira, que está lá, trabalhou aqui nesta área, na construção da linha de ferrovia. Então, é da Vale do Rio Doce mesmo.

**Keka Simões** – O senhor falou na utilização de 100 vagões. À época em que o senhor trabalhava, qual era o número médio de vagões que saíam daqui por dia?

**Jorge Takahashi** – Para você ter mais ou menos uma idéia... Vou falar só em volume de turno, três turnos. Nós trabalhávamos mais ou menos... Vamos pôr uma média de 70 caminhões de 120 toneladas. Em três turnos, são 210 caminhões de 120 toneladas. Isso é a nossa produção diária. Agora, lá na escala de carregamento, já seria outra área burocrática: “Ah, estou precisando de minério assim.” “Ah, estou precisando...” Já tinha aquela estocagem de minério, para saber qual minério seria transportado. Mas a produção seria em torno de 210 toneladas/dia. Para você ter uma idéia, 24 horas, é muito minério!

**Keka Simões** – É muito minério mesmo! Além do minério, essa ferrovia da Vale do Rio Doce transporta outras cargas ou minérios de outras mineradoras?

**Jorge Takahashi** – Minério não carrega, não transporta. Mas outras cargas, eu estou cansado de ver passar. Subindo, dizem que tem aqui a Fábrica – eu nunca fui, não sei o que é Fábrica –, eles chamam só de Fábrica, mas é uma área de mineradora também. E passa muito vagão da Usiminas<sup>21</sup>, cheio daquelas bobinas, enroladas; passa muito e constantemente. Até para onde vai, eu não sei. Porque para levar ao porto os vagões estão descendo, e esse material está é subindo. Para qual destino, nunca tive a curiosidade de saber para onde estava indo. Mas era bobina de ferro...

**Keka Simões** – A Usiminas utiliza a linha da Vale?

**Jorge Takahashi** – Parece que sim.

**Keka Simões** – O minério sai daqui transportado pelo trem. Ele vai até onde?

**Jorge Takahashi** – Até o navio, no Porto de Tubarão<sup>22</sup>. Lá se faz todo o carregamento.

**Keka Simões** – O trem foi e levou o minério. E no retorno?

---

<sup>21</sup> Sistema Usiminas, siderúrgica que produz e comercializa aços plenos.

<sup>22</sup> Localizado em Vitória, capital do Espírito Santo.

**Jorge Takahashi** – Geralmente, no retorno eles compram pneus, compram muita coisa, para aproveitar o frete de graça. Então, tudo o que eles comprarem lá e trouxerem para cá está bom. Ainda mais que estão vendendo em dólar e fazendo em reais, o que é melhor. Aproveitam-se assim a ida e a volta: o trem leva minério e tem que voltar, mesmo que vazio; para não voltar vazio, várias peças dos próprios caminhões, tratores, equipamentos são compradas. Faz o vice-versa: leva minério e volta também carregado.

**Keka Simões** – Tem um horário certo para a saída do trem? O trem é diário?

**Jorge Takahashi** – Normalmente é o seguinte: o minério está estocado 24 horas por dia. Toda hora em que o trem chegar, o minério está estocado. Nós, da Mina, não tínhamos que ver vagão hora nenhuma. Ficávamos só preocupados... O vagão chegou e não pode faltar o minério. Geralmente, quando faltava o britador, que é direto da produção, aí tem que tirar da estocagem. Nós evitávamos ao máximo ficar tirando da estocagem. Jogar direto fica mais barato para a Vale, porque já está chegando e caindo direto no vagão. Essa era a nossa preocupação. E quando a Vale está com o navio no porto, se faltar minério a própria Vale paga uma multa; aquilo é burocracia da própria Vale. Então você tem 60 horas para fazer o carregamento para o navio ir embora. Se você pára uma hora, aquela parada, aquela contenção já é um absurdo! Para lá chegar a entrega tem que estar [inaudível] atrasado. Então, para não atrasar nada, é aquilo que eu sempre comento com você: pontualidade é o Cristo do negócio!

**Keka Simões** – O senhor falou que se fazia de tudo para não ter que tirar o minério da estocagem. O que poderia provocar uma situação de ter que tirar da estocagem?

**Jorge Takahashi** – Nós, da Mina – estou me colocando como da Mina –, tínhamos que parar o britador para alguma manutenção, alguma reforma, e exatamente aquele material preparado para... E tem uma coisa puxando a outra, para fazer aquilo que é melhor, como se diz. Tem que programar o britador para daqui a dez dias. Então todo mundo já está preocupado com a estocagem, com o material, com a área, para fazer um conjunto de coisa para não dar nada errado. E assim é feito até hoje.

**Keka Simões** – Não sei se o senhor pode me responder porque não é uma questão da Mina, mas existe um controle da operação da estrada de ferro? Do

trem que sai, do trem que chega? A estrada corta e atende outras linhas também. Como se faz esse controle?

**Jorge Takahashi** – Hoje é tudo painel automático. Se você sentar em uma área de controle da Vale do Rio Doce, você está vendo todo o equipamento, em todos os quilômetros, em todas as áreas: quem está parado, quem não está, quem está na oficina, quem está carregando, onde está, se bateu, se vai bater, tudo, tudo, tudo é dentro de um painel. Está tudo mais fácil do que...

**Keka Simões** – E como era antes?

**Jorge Takahashi** – Antes era aquele... Não sei como chama...<sup>23</sup> Ia falando por aquilo. Eu não sei como chama aquilo.

**Keka Simões** – Telégrafo.

**Jorge Takahashi** – Isso! Aquilo é coisa de... Mas foi bom, usou-se por muito tempo. Era por aquilo. Mas hoje tem um painel por meio do qual você, de Vitória, comanda toda a linha de ferro do Brasil, que é a coisa mais importante feita até hoje.

**Keka Simões** – Quando o senhor chegou a Mariana, usava-se o telégrafo?

**Jorge Takahashi** – Era o telégrafo<sup>24</sup>. E ia comunicando com aquela base. Era muito bom, porque funcionou até então. Muita gente achou ruim, aquilo foi passado. Não! Por aquele foram feitos os outros.

**Keka Simões** – Quais são os procedimentos que a Vale adota em relação à preservação ambiental? Existe algum procedimento específico de preservação ambiental?

**Jorge Takahashi** – Existe. A Vale tem uma preocupação profunda em relação a essa área. Em todo bota-fora, em toda área de estéril que está paralisada, nós plantamos grama, fazemos drenagem, manqueteamento, para não ficar nada exposto na natureza. Toda área que já parou está completamente verdinha, igual a campo de futebol. Ela tem uma preocupação imensa com relação a essa área. Todo ano vem uma equipe só para fazer uma correção onde está ruim, onde teve uma falha, onde não ficou bom, onde é que [está

---

<sup>23</sup> Imita o som do telégrafo, primeiro aparelho que permitiu a comunicação à distância através de fios e da eletricidade. A informação pode ser transmitida desde que se adote um código previamente estabelecido, tal como o Código Morse, nome dado em homenagem a seu inventor.

<sup>24</sup> O entrevistado imita novamente o som do telégrafo.

novo]<sup>25</sup>, o que tem que ser feito. Toda vida, a preocupação nossa foi também com essa área.

**Keka Simões** – Tem algum curso ou palestra sobre preservação ambiental, para os próprios funcionários?

**Jorge Takahashi** – Sempre tem um turno que está de folga. Então, uma vez por mês mais ou menos, 45 dias... Todo curso é passado para todos os funcionários da Vale, inclusive os troca-turnos. Nós até não gostávamos muito dos cursos, porque você tem poucas horas para dormir e tem que ainda enfrentar isso aí. Mas como na vida tem que fazer aquilo que todo mundo faz, todo mundo [inaudível]. Muitos achavam bom, muitos não gostavam, muitos precisavam dormir... Até iam à palestra e ficavam dormindo, porque chegava em casa e a mulher estava com não sei o quê, dormir não podia, na hora de dormir estava na palestra... Mas dava para fazer, sim.

**Keka Simões** – O senhor lembra se a Companhia Vale do Rio Doce, em Itabira ou aqui, promovia algum tipo de confraternização para os funcionários, ou comemoração de alguma coisa?

**Jorge Takahashi** – No fim do ano, a Vale fazia um churrasco para todos os seus funcionários, aqui em Mina Del-Rey<sup>26</sup>, e para os familiares. Sempre foi feito um churrasco, para confraternização do pessoal e familiares, para todo pessoal da Vale. E com muita fartura! Muito boas ficavam as festas da Vale, todos os anos.

**Keka Simões** – Essa Mina que o senhor falou, Del-Rey, o que é?

**Jorge Takahashi** – Mina Del-Rey era uma antiga mina que não era da Vale, onde foi produzido um minério que depois, parece, terminou. Comentou-se que não foi o minério que terminou, mas que ele estava muito profundo e dava muito mais despesa do que o minério, propriamente dito. Aí parou a Mina.

**Keka Simões** – O que a Vale fez nesse lugar?

**Jorge Takahashi** – Tem um escritório, tem plataforma, tem tudo direitinho, mas está paralisado, não tem nada. Deve [ser]<sup>27</sup> fazer alguma exploração de ouro, alguma coisa, porque parece que aqui tem muito ouro. Foi feita uma

---

<sup>25</sup> Palavras mais aproximadas que foi possível ouvir.

<sup>26</sup> Localizada em Mariana, a Mina Del-Rey é uma mina desativada cujo direito de exploração pertence à Companhia Vale do Rio Doce. Fundada em 1961 com o nome de Mineração Mineralogia Ltda., um mês depois adquiriu o nome Mineração Santana e, posteriormente, Mina Del-Rey.

<sup>27</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

sondagem e constatou-se muito ouro aqui na região. E deve, futuramente, explorar essa área.

**Keka Simões** – O senhor falou da questão da moradia, a que teve direito, no início. Além da moradia, a Vale ou o sindicato – não sei quem fez isso aqui – criou algum espaço de lazer na cidade, para os funcionários?

**Jorge Takahashi** – De lazer, eu não tenho certeza. Mas a Vale fez muitas casas para funcionários. Por exemplo, a área onde moro – Jardim Inconfidentes – foi todinha feita pela Vale do Rio Doce. Tem outra área lá em cima que se chama... Me falha a memória agora. É um bairro que foi todinho construído pela Vale<sup>28</sup>. Primeiro, a Vale fez aí uma pesquisa.

**Keka Simões** – Fez o quê?

**Jorge Takahashi** – Pesquisa: “Quantos supervisores têm?” “Trinta.” “Então 30 casas de pouquinho valor.” “Trinta casas para funcionários de médio valor.” E foi feito tudo de acordo com estudo do próprio funcionário da Vale. Aí fizeram dois bairros: o bairro Jardim Inconfidentes e essa outra área que é da Vale também.

**Keka Simões** – As casas, então, têm uma diferenciação no seu espaço físico?

**Jorge Takahashi** – Têm, têm. Vamos supor: a casa número um é casa para supervisores e pessoal um pouquinho diferente; a casa número dois é uma casa – todas têm três quartos – de diferente acabamento. Então tem a casa de supervisor, que é a melhor assim no bom sentido; a casa de médio valor e aquela do pessoal... Por exemplo, do ajudante de serviço... Grosso modo, de quem recebe o salário mínimo atual, o que não é o caso da Vale.

**Keka Simões** – E os engenheiros?

**Jorge Takahashi** – Toda vida, os engenheiros moraram na Vila dos Engenheiros.

**Keka Simões** – Ah! Então tem essa outra vila?

**Jorge Takahashi** – Eu morei lá por três anos. Adorei demais! Mas eu adorei ter vindo para cá, porque os filhos estudavam e lá não passa ônibus, não passa nada. Lá é lugar de doutor mesmo! Como a gente não é doutor, vamos caçar um lugar que não é de doutor. E eu estou aqui até hoje e morrendo de achar bom!

---

<sup>28</sup> Vila Maquiné.

**Keka Simões** – É claro que essa estrutura vai depender de cada cidade, da topografia e tudo mais. Mas essa estrutura, a construção dessas casas acontece nos outros locais onde a Vale do Rio Doce está presente? Por exemplo, em Itabira tem isso?

**Jorge Takahashi** – É bem provável. Quando eu fui nomeado para cá, eu recebi um apartamento lá em Itabira: “Jorge, olha, seu apartamento está pronto. Pode mudar”. Aí meu chefe falou: “Não. Você pode vender sua casinha, seu apartamento, porque você está mudando para cá. Mas lá eu lhe prometo que vou te dar uma casa na Vila dos Engenheiros”. Como me deu mesmo.

**Keka Simões** – Qual foi o impacto, em Mariana, da chegada e fixação da Vale? Como o senhor vê a cidade entre 1979, quando o senhor veio para cá, e hoje? Com a chegada da Vale o que mudou em Mariana?

**Jorge Takahashi** – Eu acho que mudou tudo. Em Mariana só tinha uma Caixa Econômica Estadual<sup>29</sup> muito pequenininha e um Banco Real<sup>30</sup> muito fajuto, pequenininho também. Carro, quando muito, havia 100 carros em Mariana; hoje tem mais de mil. Hoje você não acha estacionamento em lugar nenhum para estacionar carro em Mariana. Antigamente não tinha carro nenhum; qualquer hora em que você saísse só tinha um, dois ou três carros, no máximo. Vilas, quer ver? Uma, duas, três, quatro, seis vilas em Mariana não existiam antes da Vale. Só o que existia era o [preço]<sup>31</sup>. Quando eu vim para Mariana, o aluguel daqui era mais de dois terços do meu salário, para você ter uma idéia! Vamos supor que você ganhasse três mil; dois mil eram para o aluguel. Porque não tinha casa nenhuma, eles estavam precisando vir, foram transferidos, e a Vale não cobria aluguel de ninguém, logo no início. Em todo lugar do mundo acontece isto: “Ah, vamos construir qualquer coisa!” Muita gente vai e o aluguel<sup>32</sup> vai lá para cima. Eu morei um ano de aluguel, depois consegui a casa da Vale por três anos e depois surgiram essas casas que a Vale fez, o que ajudou todo mundo e é onde moro até hoje.

**Keka Simões** – Na vila que foi construída, como o funcionário fazia para adquirir a casa? Tinha algum sistema de financiamento? Como isso acontecia?

---

<sup>29</sup> Extinta instituição bancária estadual.

<sup>30</sup> Instituição bancária privada.

<sup>31</sup> Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

<sup>32</sup> O entrevistado usa uma interjeição para expressar o aumento dos preços dos aluguéis.

**Jorge Takahashi** – A própria Vale chamou todo mundo e pela Caixa Econômica fez o financiamento para todos os funcionários. Então... Antes já perguntava: “Você é classe A. Então vamos pôr na casa quatro. Você é classe B. Casa três. Você é...”. Então, quando ela fez as casas, já fez para você. São 30 funcionários da classe A, 100 funcionários da classe... O financiamento, então, foi a coisa mais fácil, porque já foi distinguido mais ou menos cada grau, com cada salário e cada prestação.

**Keka Simões** – Essa prestação era descontada?

**Jorge Takahashi** – Já vinha descontada no salário. Depois, com Fernando Collor<sup>33</sup>, podia descontar não sei quantos por cento e quitar a casa. Noventa por cento quitaram a casa. Então, nós compramos a casa e pagamos sem ver, sem sentir. Não desembolsamos um vintém porque foi financiado pela Vale e a própria Caixa cobriu o resto. E todo mundo reclama... Mas tem gente para quem tudo está ruim também, não é? Não tem? Hein? Existem aquelas pessoas para quem tudo o que você dá está pouco. Então, o mundo é esse e não tem jeito.

**Keka Simões** – O senhor falou do sistema financeiro. E quanto ao comércio, como era o comércio em Mariana quando o senhor chegou e como é hoje?

**Jorge Takahashi** – Antigamente, a gente tinha um, dois, acho que três comércios só. Hoje, são mais de 10. E hoje, para você comprar em Mariana, existe até o pagamento em 60 dias no cartão. Antigamente não vendia nem no cheque. Hoje você vai fazer uma compra – “Você quer 60 dias?” – e passa o cheque e paga em duas vezes. Então, a facilidade hoje é muito grande. Até saindo fora da entrevista, eu estive na China: não existe cartão, nem cheque pré-datado; todo mundo compra carro, compra tudo, só à vista, não existe essa facilidade. Para quem é um mal pagador deve ser ruim, não é? E para o bom, sempre é bom mesmo.

**Keka Simões** – Quais são os problemas ou dificuldades que o senhor enfrentou no seu exercício profissional?

**Jorge Takahashi** – Deixa eu te falar uma coisa. Eu fui a vários cursos. Como eu só tinha o terceiro ano de Grupo... Imagine você: 200, 50 técnicos, engenheiro e eu com terceiro ano de Grupo naquela época, há 50, 60 anos.

---

<sup>33</sup> Fernando Collor de Mello, Presidente da República de 1990 a 1992.

Hoje eu estou com 76... Eu tinha dificuldade para entender e saber responder aquilo que estava... Eu sabia responder da minha maneira, mas nunca ia satisfazer quando estava todo mundo junto. Então, toda vez que tinha uma reunião, eu falava: “Oh, gente! Pelo amor de Deus, não me deixa ir, não! Eu não entendo direito o português que o pessoal está exigindo”. Se falassem aquilo que era o comum, tudo bem. Mas normalmente não era assim, e nem deveria ser, não é? Então, esta foi a maior dificuldade: todo mundo falando uma língua que você não está entendendo nada. Como você ganha igual, você é obrigado a saber. Por aí ninguém gostava muito de mim – não tinha estudo nenhum e ganhava como eles ou mais. Ficavam assim enciumados. Como a vida tem que tocar desse jeito, às vezes ficava vermelho, roxo, mas a vida tocava desse jeito.

**Keka Simões** – E alegrias ou recompensas que o senhor teve na sua vida profissional?

**Jorge Takahashi** – Minha filha! Tive cinco filhos, todos formados em curso superior: uma em Medicina, outra com doutorado em Biologia, dois engenheiros civis e um engenheiro elétrico. Então, graças a Deus, tive a glória de conseguir tudo isso. Não sei como, mas com a luta de Deus e a Vale do Rio Doce estamos aqui na luta.

**Keka Simões** – Do período em que o senhor trabalhou na Vale do Rio Doce, algum caso, triste ou engraçado, o senhor guardou na memória?

**Jorge Takahashi** – É um comentário assim bem interessante. Trabalhando na Vale do Rio Doce, passei para Supervisor de Obra, aí passei para a mina. No Departamento da Mina a gente trocava turno, com a carteira já diferente. Aí é que fui aprender o que é mina. Até então mexia só com obra. Lá, por um acaso, um dia houve a colisão de dois trens da Vale: um subia e o outro descia e eles bateram e caíram debaixo do viaduto. Parece que pegaram fogo e morreram os dois maquinistas. Aí precisava fazer a limpeza, o mais rápido possível, porque era na beirada da estrada e todo mundo passava de ônibus e todo mundo ficava olhando. Formaram uma equipe para saber como se poderia fazer o mais rápido possível para não parar a produção, nem o equipamento, e para ficar linda aquela área. Ficaram lá as chefias maiores de todas as áreas da linha de ferro e também da Vale, me parece que uns dois ou três dias. Fizeram várias reuniões e chegaram a uma conclusão: para tirar aquilo,

precisava-se de A, B, C, D, E, F e G. No dia em que foi instalar para tirar, convidaram a mim e a um outro supervisor chamado Caldeira<sup>34</sup>. Como éramos só encarregados, ficamos uns 30 metros lá embaixo. E todo mundo conversando, olhando, calculando, e nós lá, quietinhos. Aí surgiu o chefe geral: “Quem vai tocar a obra?” Falaram: “Olha, é aquele baixinho lá”. O chefe foi sozinho, chegou perto de mim: “Quantos anos de Vale?” Falei: “Dezoito anos.” “É, novo de Vale não é. Eu estou aqui com A, B e C propostas, fizemos um estudo. Para chegar isso aqui vai demorar muito, esse aqui vai [ter que fazer com muito cuidado]<sup>35</sup>, o navio está parado, isso aqui vai parar a produção. O que o senhor acha?” “Eu acho diferente. O senhor corta tudo o que o senhor falou e me deixa falar um pouquinho: nosso equipamento aqui de Timbopeba – não precisa trazer equipamento nenhum, de lugar nenhum – é o suficiente para arrancar essas duas máquinas do...”. Elas estavam em torno de uns 70 metros de profundidade; caíram, pegaram fogo e os maquinistas morreram. Aí esse chefe chamou o resto do pessoal e falou: “Oh, gente! Nós estamos aqui com tempo perdido. Segundo o mestre, ele faz isso com metade do tempo, sem usar equipamento nenhum que vocês estão precisando”. Ia trazer equipamento de Itabira, de não sei de onde, de não sei de onde, ia demorar muito para fazer o serviço. E ia interromper a Mina até chegar o equipamento, e, chegando o equipamento, ele ia ficar em cima da linha. Então ia parar duas vezes a produção. Falei: “Não. A produção não pára um minuto. Com nosso equipamento daqui da Mina vai dar para fazer o serviço. Eu preciso só de um auxiliar.” “Nessa parte você pode chamar o Fulano de Tal que ele vai olhar com você”. E tirou um cartão: “Isto aqui é o meu telefone. Só você tem. Isto aqui é do meu criado<sup>36</sup>, do lado onde eu durmo. À uma hora da manhã você pode ligar para mim. Não deixa faltar nada, para você tocar essa obra”. Exatamente o prazo que eu dei... Antes de terminar o prazo, entregamos a obra todinha. Eu não quero ser nem melhor, nem pior. Mas não fui convidado, como é que eu ia fazer uma obra que... Não é? Essa é a história mais ou menos de Timbopeba.

**Keka Simões** – O senhor gostaria de acrescentar alguma outra coisa que não foi abordada?

---

<sup>34</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

<sup>35</sup> Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

<sup>36</sup> Criado-mudo.

**Jorge Takahashi** – Não, não. Eu acho que eu tenho que agradecer o Maurício<sup>37</sup>, que é o engenheiro, e toda a equipe que me ajudou e também aquele que não me ajudou. Porque você sempre cresce com aquilo que está sempre do lado oposto. Assim é o mundo que nós vamos viver e será vivido aqui. Todo mundo só fala daquilo de que você gosta. É o contrário. Aquele que não gosta de você é o principal; é por intermédio dele que você está sempre com um pé atrás e fala: “Opa!”

**Keka Simões** – Eder, você tem alguma coisa?

**Eder Melo** – O senhor disse que, quando chegou aqui na Vale, a cidade tinha cerca de 100 carros. Como as pessoas se locomoviam, qual era o principal meio de transporte?

**Jorge Takahashi**<sup>38</sup> – Em 1979, Mariana devia ter mais ou menos... Para você ter uma idéia: só havia dois postos de gasolina na época; hoje tem um, dois, três, quatro, cinco postos de gasolina. Banco, só tinha Caixa Econômica Estadual e o Banco Real. Hoje tem Itaú, Brasil, Bradesco<sup>39</sup>; então são cinco. Acredito que a população deve ter aumentado mais ou menos entre 75% e 85%, daquela época até hoje. Você ia à rua e não encontrava na cidade mais de 10 carros estacionados; hoje você não acha uma vaga em estacionamento.

**Keka Simões** – Ok, Eder? Senhor Jorge, muito obrigada. O Projeto Trem da Vale tem muito a agradecer ao senhor.

**Jorge Takahashi** – Estamos às ordens, precisando.

**Keka Simões** – Obrigada.

**Jorge Takahashi** – Por nada, por nada.

**[Término da entrevista]**

---

<sup>37</sup> O entrevistado não mencionou o nome completo.

<sup>38</sup> O entrevistado não respondeu à pergunta.

<sup>39</sup> Banco Itaú e Banco Bradesco são instituições privadas. O Banco do Brasil é uma instituição bancária do Governo Federal.